



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANAMARIA COPERINI BORTOLANZA

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA REVISTA NOVA ESCOLA

ERECHIM/RS

2015

ANAMARIA COPERINI BORTOLANZA

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA REVISTA NOVA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Ms. Sandra Simone Höpner Pierozan

ERECHIM
2015

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Bortolanza, Anamaria Copercini
A literatura infanto-juvenil na revista Nova Escola/
Anamaria Copercini Bortolanza. -- 2015.
51 f.

Orientadora: Sandra Simone Hopner Pierozan.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Pedagogia , Erechim, RS , 2015.

1. . I. Pierozan, Sandra Simone Hopner, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANAMARIA COPERINI BORTOLANZA

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA REVISTA NOVA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Ms. Sandra Simone Höpner Pierozan

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

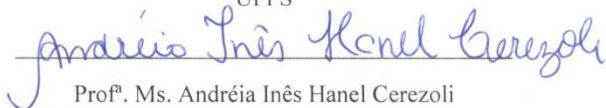
09 / 12 / 2015

BANCA EXAMINADORA



Profª. Ms. Sandra Simone Höpner Pierozan

UFFS



Profª. Ms. Andréia Inês Hanel Cerezoli

UFFS



Profª. Ms. Márcia Farinella Soares de Campos

SEMED/Concórdia-SC

À minha vó Nailde que batalhou durante toda a vida pela educação, a minha mãe Rosane e a minha tia Rejane, a minha irmã Manu, por serem francos exemplos de que a educação vale a pena em qualquer tempo e em qualquer espaço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me oportunizar viver esta vida que é maravilhosa.

Agradeço ao meu namorado Sandro por compreender a minha ausência e por me ajudar a construir dinossauros, contar histórias e por estar ao meu lado nas tempestades.

Agradeço a minha vó Nailde, a minha mãe Rosane, a minha tia Rejane e a minha irmã Emanuele por acreditarem na educação e por me incentivarem a acreditar também.

À minha orientadora Prof^a Sandra, por me auxiliar no processo de escrita e desenvolvimento deste trabalho, e por compreender meu desespero e ansiedade.

À Unimed pelo meu trabalho e por permitir que eu continue minha trajetória de sonhos.

Às minhas colegas: Candida e Josiele que prontamente encontraram os materiais necessários para a minha pesquisa.

À prof^a Zoraia por alimentar minhas expectativas e melhorar minhas ideias.

“Somos todos geniais. Mas se você julgar um peixe por sua capacidade de subir em árvores ele passará sua vida inteira acreditado ser estúpido”.

Albert Einstein

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise acerca das abordagens da Revista Nova Escola sobre a literatura infanto-juvenil, tendo em vista que a referida revista se apresenta como formadora de opiniões e está ao alcance do professorado. Elencam-se como objetivos, compreender como a revista Nova Escola aborda o tema da literatura infanto-juvenil, analisando os periódicos desde o ano de 2010 até o ano de 2015. Busca-se ainda, avaliar a força das revistas pedagógicas, em especial a Revista Nova Escola, como uma ferramenta para difundir ideias e práticas em educação. Para tanto, desenvolveu-se, uma análise bibliográfica e as análises de edições da Revista Nova Escola. Neste aspecto, os resultados obtidos permitem a compreensão de que a Revista Nova Escola trata a literatura como uma literatura escolarizada, que se utiliza dos livros e das histórias para didatizar o ensino, além disso, a revista apresenta soluções prontas, o que faz com que os professores sejam persuadidos, tornando a revista responsável por formar opiniões errôneas sobre a literatura.

Palavras-chave: Revista Nova Escola. Literatura. Literatura escolarizada.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista dos periódicos analisados.....	22
Quadro 2: Tópicos das Seções da Revista Nova Escola.....	22
Quadro 3: Sugestões de leitura.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PERCEPÇÕES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	12
2.1 ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA POR MAGDA SOARES.....	14
3 REVISTA NOVA ESCOLA E MÍDIA: INFLUÊNCIA NO MEIO ESCOLAR.....	16
4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	19
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	22
6 POR DENTRO DA REVISTA NOVA ESCOLA: OBSERVANDO AS ENTRELINHAS.....	27
6.1 LITERATURA COMO PRETEXTO PARA ATIVIDADES ESCOLARIZANTES.....	27
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
8 REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O tema literatura é imenso e normalmente pressupõe muitas concepções. Atualmente, existe um debate sobre a leitura por prazer e a leitura para o ensino. Este trabalho de conclusão de curso busca analisar as perspectivas sobre literatura na Revista Nova Escola. Resolveu-se investigar a Revista Nova Escola por entender que ela é formadora de opiniões no contexto escolar e porque é de distribuição gratuita, logo, circula no meio escolar há bastante tempo. É por meio da revista pedagógica aqui compreendida como a Revista Nova Escola, que o professorado busca atualizações e novidades para a prática escolar. A Revista Nova Escola está há 29 anos no mercado, desde o ano 1986, e segundo sua proposta, tem como objetivo melhorar a qualidade do Ensino Fundamental, por intermédio da qualificação e do apoio ao professor. Em meio a tantos exemplares publicados, delimitou-se o estudo a princípio, para a literatura infantil, no entanto a dificuldade de encontrar os materiais fez com que o tema fosse redefinido abordando a literatura na sua totalidade.

Como a Revista Nova Escola é uma produção que visa ao desenvolvimento de um país melhor, qual é a importância que dá à literatura? Como a revista aborda esse gênero? Neste trabalho, busca-se responder a estas questões. Para isso, pesquisou-se o conceito de literatura como base, para analisar as matérias dos exemplares escolhidos da Revista Nova Escola que tratam da literatura no contexto escolar.

Dividiu-se este trabalho em seis capítulos. Após a introdução, o segundo capítulo aborda as concepções de literatura, já o terceiro, busca evidenciar a importância da Revista Nova Escola e a mídia no meio escolar. O quarto capítulo trata sobre a formação de professores e a literatura infanto-juvenil e o quinto, discorre sobre os caminhos metodológicos e por fim, o sexto aponta as análises referentes ao conteúdo sobre literatura abordado na revista. Finalmente apresenta-se as considerações finais. Deixa-se claro que a intenção não é desmerecer o que a revista propõe, mas sim analisar a sua proposta no que se refere a literatura infanto-juvenil, visto que se trata de um tema com amplos entendimentos e percepções.

2 PERCEPÇÕES DE LITERATURA INFANTO JUVENIL

Para se compreender a temática da literatura infanto-juvenil, precisa-se iniciar uma caminhada histórica sobre o que vem a ser a literatura. Em termos etimológicos, a literatura deriva do latim a partir do termo *littera* que significa letra, de onde se aponta a necessidade do indivíduo ter habilidade com a leitura e com a escrita. Também se pode dizer que tem vários estilos, que é algo universal, sendo um instrumento cultural muito importante (AURÉLIO, 2015).

A história da literatura está ligada principalmente as situações vivenciadas pela sociedade em cada época. Na Europa a palavra literatura designou até o século XVII saber, conhecimento e artes. A literatura é destacada por Voltaire no século XVIII, como um conhecimento que “implica valores estéticos e uma particular relação com as letras” (ROCHA, 2004, p. 2).

A escrita para a criança não é algo tão antigo como a literatura. Em 1697, Charles Perrault publicou os famosos Contos da Mamãe Gansa. Até então, não se escrevia diretamente para a criança, visto que não se considerava que existisse infância: a criança era tratada como um adulto em miniatura, cujo período de imaturidade deveria ser encurtado (ZILBERMAN, 1991).

O conceito de literatura infanto-juvenil surge no momento em que as preocupações sociais se voltam para a criança. Assim a criança:

[...] passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 17).

Historicamente a literatura é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é uma espécie de primo pobre, pois para muitos apresenta pouca ou quase nenhuma qualidade e no outro sistema, o sistema educacional, mais propriamente na educação, ocupa o lugar mais destacado graças ao seu papel na formação de leitores (CADERMARTORI, 2010).

A literatura infanto-juvenil se caracteriza pela forma de direcionar os textos ao leitor, levando em conta a idade dos leitores e seus interesses, trata-se de dar sentido ao que se lê. Uma das principais modificações vivenciadas para e pelo público infantil nos últimos anos, é a interação da linguagem visual e verbal (CADERMARTORI, 2010).

No Brasil a literatura chegou e foi desenvolvida com a vinda de Dom João VI. As obras da época eram traduzidas e adaptadas das obras portuguesas e as crianças que tinham acesso, vinham a conhecer textos literários com intenções didáticas e moralizantes.

Os registros de Monteiro Lobato sobre Literatura Infantil Brasileira são fundamentais para que se possa tratar da história da mesma. Ele não gostava muito das traduções dos livros europeus e era um nacionalista fervoroso. Para oferecer algo diferente, criou obras com características bem brasileiras e culturais, exemplo disto, é o Sítio do Pica-Pau Amarelo. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988).

Ainda fazendo referência a importância de Lobato, a autora Lígia Cademartori assim se expressa:

As obras infantis de Lobato antecipam uma realidade que supera os preconceitos históricos e ignora o moralismo tão presente nas obras destinadas à criança, na época, tais como a moral oficial, os preceitos religiosos e as normas estatais. Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. (CADEMARTORI, 1986, p.6)

Essa exposição sobre a literatura infanto-juvenil busca deixar claro que a Literatura passou por muitas mudanças. Conforme as mudanças foram ocorrendo na sociedade, também se percebe mudança na literatura, pois é impossível dissociar as duas, assim como atualmente é inegável que a leitura pode se tornar algo prazeroso e ainda pode desenvolver habilidades e competências comunicativas.

Porém, ainda percebe-se no meio escolar, um uso indevido da literatura, como forma de abdução em massa, só se lê nas escolas para depois responder a um questionário. Para cada leitura uma ficha a ser preenchida retirando palavras e expressões constantes no texto. É a aula tradicional ocupando seu espaço também na área literária. (SOARES, 2001).

Será essa mesma a ideia da literatura? Algo que se torne mecânico e simplista? A partir de agora entrar-se-á neste assunto, abordando a escolarização que se faz com a

literatura, assim procurar-se-á explicitar como ela é vista pela Revista Nova Escola que adentra a escola pública e serve como recurso para os professores e alunos da Educação Básica.

2.1 ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA POR MAGDA SOARES

Para conceituar o termo escolarização da literatura infantil e juvenil utiliza-se Magda Soares¹ (2001) que fala sobre as relações entre a literatura e a escolarização, apontando que a literatura é tomada pela escola e, por essa razão, se torna escolarizada, didatizada e pedagogizada. A mesma autora cita uma segunda perspectiva discorrendo sobre as relações entre escolarização e literatura infantil e juvenil, e a define como produção, assim trata-se de uma literatura produzida para a escola, para os objetivos da escola, para ser consumida na escola pela clientela escolar.

O conceito de literatura infantil e juvenil está atrelado a um caráter educativo, formador e por essa razão a literatura é vinculada a escola. Para a autora Magda Soares (2001) não há como evitar que a literatura, em suas diferentes formas ao se tornar “saber escola”, se escolarize. A mesma autora diz que o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada e imprópria escolarização da literatura entendendo-se assim a sua deturpação como resultado de uma pedagogização que acaba por falsificar a literatura.

Como instâncias de escolarização da literatura pode-se citar: a biblioteca, a leitura e o estudo de livros de literatura basicamente orientados por professores de português (SOARES, 2001).

Quanto a escolarização da literatura na biblioteca, a autora inicia seu argumento citando o próprio estabelecimento como um local escolar de guarda e de acesso a literatura, prossegue falando sobre a organização do espaço e do tempo de acesso aos livros e de leitura, e finaliza falando sobre a seleção dos livros. Os três pontos levantados pela autora Magda Soares (2001) convergem na escolarização da literatura no que diz a respeito ao fato de que um livro no contexto escolar, não será aquele “ler para ler” que caracteriza essencialmente a leitura por lazer, por prazer; além disto, a leitura é sempre avaliada, outro ponto muito

¹Magda Becker Soares é professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale – da Faculdade de Educação da UFMG. Graduada em Letras, doutora e livre-docente em Educação.

importante que a autora cita para reforçar a ideia de pedagogização e escolarização da literatura.

A pedagogização da leitura é entendida como o uso da leitura para realizar atividades do cotidiano pedagógico, trata-se de utilizar a literatura com a finalidade de educar e moralizar. A escolarização da literatura evidencia que os livros já fazem parte do contexto escolar, no entanto, são utilizados como artifícios para o ensino do português, por exemplo.

Distinguir uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada seria como dizer que a escolarização adequada é aquela que conduz eficazmente as práticas de leituras literárias que ocorrem no contexto social, atribuída aos próprios valores do leitor. Já a escolarização inadequada falsifica, distorce e causa aversão no leitor (SOARES, 2001).

Nesse sentido, este trabalho prossegue abordando no próximo capítulo a relação entre a Revista Nova Escola como uma mídia, e a sua possível influência na escolarização da literatura.

3 REVISTA NOVA ESCOLA E MÍDIA: INFLUÊNCIA NO MEIO ESCOLAR

Muitos são os veículos de produção e reprodução de discursos na sociedade. Apresentando imagens, notícias, espetáculos, informações, invenções cotidianas, sempre com um propósito de fundo. (ROCHA, 2004).

A entrada das revistas, em especial da Revista Nova Escola (RNE) no espaço escolar é algo que acontece há quase três décadas. A escolha de abordar neste trabalho a RNE, se deu principalmente por esta ser uma opção para o professor e estar disponível nas escolas.

A Revista Nova Escola se apresenta por vezes como o único referencial presente na escola, por essa razão existe a possibilidade deste mecanismo influenciar o que acontece na sala de aula, tanto nas situações que se referem ao professor, como aquelas que dizem respeito aos alunos.

RICARDO FILHO (2005) diz que as revistas de iniciativa privada de fins comerciais, e a Nova Escola, nem sempre foram fontes documentais admitidas pela História da Educação, mas que, certamente, desde que se considerem suas características próprias, deve-se reconhecer que elas também propiciam condições para investigar como se configura o campo educacional.

A referida revista cria um estereótipo de profissional ideal, uma espécie de mecanismo de salvação onde “ideias básicas”, “essenciais” auxiliam a modificar o espaço escolar e a sala de aula e utiliza verbos como: revele, faça, demonstre, amplie, use, dão ordens de como transformar para melhorar o que acontece dentro da sala de aula. (ROCHA, 2004)

As revistas sobre educação são frequentemente utilizadas como fonte de pesquisa para lançamentos e atividades sobre a literatura infanto-juvenil. A importância que a literatura apresenta na educação das crianças ultrapassa os muros escolares, há uma abrangência de informações sobre esse tema que chegam por meio das mídias, entre elas, destacam-se as revistas, as quais apresentam um cunho pedagógico e trazem informações a respeito de assuntos educacionais.

No caso da Revista Nova Escola, os temas que dizem respeito à educação bem como a literatura, fazem parte dos exemplares publicados mensalmente.

Os propósitos e objetivos do periódico ficam bem esclarecidos no editorial da referida revista, assim como a pretensão de indicar certas “razões” para que ela seja utilizada pelos professores, como favorecer o conhecimento de novidades e ensinar a preparar suas aulas:

Lançada em março de 1986, é a maior revista de educação do Brasil e a principal iniciativa da Fundação Victor Civita: seu objetivo é contribuir para a melhoria do ensino fundamental, divulgando informações que contribuam diretamente para a formação e o aperfeiçoamento profissional dos professores. Com a Revista Nova Escola, os professores têm acesso às novidades da área e às experiências dos maiores especialistas em educação do Brasil e do exterior. Encontram ideias para aulas, entram em contato com novas teorias e sistemas didáticos, aprendem a confeccionar material pedagógico de maneira simples e de baixo custo além de ter um espaço para mostrar trabalho, talento e competência. (NOVA ESCOLA, 2004, p.3)

A Revista Nova Escola por meio de um vocabulário simplificado e acompanhado de ilustrações fartas, quase sempre apresenta professores e alunos sorridentes, em espaços escolares bem organizados e com materiais pedagógicos disponíveis. Percebe-se que um pressuposto básico é exaustivamente repetido: os problemas educacionais sempre podem ser resolvidos, bastando para isso que cada um “faça sua parte”. A referida revista busca criar um estereótipo adequado de professor, só que o que a revista transmite como o professor ideal, pode não ser de fato o profissional adequado. (SEGATTO, 2014).

Segundo Bueno (2007 p. 20) é preciso um olhar crítico quanto às essas publicações, “ao professor resta apenas o consumo distraído de fórmulas que o põem em sintonia com uma totalidade que assim permanece imune à crítica”. Há muitas publicações e temas abordados que realmente são significativos e ajudam os educadores no processo ensino-aprendizagem de seus estudantes, mas é necessário cuidar para não perder o censo crítico e aceitar as receitas prontas apresentadas nas matérias.

Percebe-se que é uma revista popular, com muitos conteúdos e assuntos abordados, com um vocabulário informal aos professores, ao contrário dos periódicos acadêmico-científicos que exigem certa fundamentação e teor de análise. A RNE cumpre o propósito de uma mídia de alta circulação, se utilizando de imagens, gravuras de crianças e educadores sempre felizes e mostrando propostas de planejamento e premiando situações de superações e projetos que dão certo nas escolas.

Assim como as concepções sobre educação são construídas por mídias como a própria RNE aqui sendo abordada, as concepções sobre a literatura infantil e as formas de utilização

são construídas pela mídia. O que a Nova Escola propõe é um material muito atrativo para as crianças. O efeito é ainda maior quando as crianças aparecem no contexto, ou seja, conforme Bucht (2002, p. 79):

As crianças usam a mídia, entre outras razões, porque elas acham-na divertida, excitante e imaginativa e porque passam por experiências de aprendizado. Sentem também que a mídia as faz “sentirem-se incluídas” em meio às pessoas e aos acontecimentos, o que algumas vezes leva a formação de amizade. [...] Através da mídia as crianças têm acesso a todos os assuntos possíveis. É através da mídia que elas buscam a diversão e, o mais importante, criam a sua própria identidade.

É certo que a RNE é destinada aos docentes e não para as crianças, porém ao seguir um propósito posto pela revista e sabendo-se que ela auxilia na divulgação de outras mídias, entender o efeito que isso tem sobre a criança é fundamental.

Um fato importante é sobre a qualidade do conteúdo transmitido e do tempo que as crianças se expõem a eles e que podem ser úteis e informativos se usados corretamente, ou nocivos se usados de forma incorreta, cita Bucht (2002, p.19):

O volume de informações veiculado através das novas tecnologias de comunicação continua se expandindo, à medida que as distinções entre computador, televisão, rádio, imprensa, livro e telefonia gradualmente se dissolvem.

Conforme Bucht (2002, p. 207): “Muitas pessoas que lidam com crianças pequenas notam também que elas muitas vezes copiam o que veem na televisão ou no cinema”. Tão importante quanto deixar a criança usar o imaginário é observar como ela faz esse processo, em que se baseia, como ele ocorre, trata-se de averiguar se os meios de comunicação estão facilitando ou dificultando a aprendizagem.

A mídia é criativa e as crianças são ativas e curiosas, elas querem aprender, se divertir, construir relações sociais e criar sua própria identidade – também se constrói pela mídia. Desta forma, como as mídias fazem parte do dia-a-dia das crianças, elas acabam sendo influenciadas e imitam o que veem.

A pretensão desse trabalho não é demonstrar se a revista ajuda ou não a resolver os problemas da educação, mas perceber qual pensamento chega até a sala de aula, por ser um lugar de construção e representação de discursos que envolvem e inventam novos e diferentes olhares sobre os conteúdos escolares, neste caso a literatura.

4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Durante a graduação, os professores precisam adentrar o mundo da leitura, fato este que, por vezes, acontece pelo próprio gosto pela leitura e, em outras, pelo próprio caráter de acesso ao conhecimento e sua relação com as avaliações. Para a prática pedagógica a leitura tem um papel mistificado pela sociedade, que é o de construir conhecimentos nos alunos.

Com relação à formação de professores, em especial os pedagogos, espera-se que eles percebam a importância da literatura, não como material moralista e, sim, como incentivo para a criatividade.

Para Santos (2005) a leitura é para o professor um instrumento básico de aperfeiçoamento de sua prática, as verdades veiculadas pelos livros didáticos, estão sendo substituídas pela descoberta e crítica. Assim, não é mais possível trabalhar somente com livros didáticos que, em sua grande maioria, não relatam a realidade das crianças e fazem com que seu conhecimento fique restrito somente àqueles conteúdos. São inúmeros os recursos midiáticos e tecnológicos que se inserem na escola, além das revistas, celulares, computadores, que fazem com que os professores sintam-se ultrapassados e que não consigam acompanhar as ideias e percepções das crianças.

Neste aspecto, a formação continuada dos professores é tão necessária, trabalhando com novas perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem e no caso sobre a literatura. Perceber a literatura como protagonista da criatividade das crianças, e não somente como uma cultura moral repassada às crianças com textos enormes e respostas copiadas; se não foi destacado na formação inicial do professor, deveria ser o propósito de sua formação continuada.

Os alunos contemporâneos não são iguais aos alunos do passado, quando havia uma aceitação maior dos conteúdos que os professores transmitiam, tidos como verdades absolutas. A formação pode contribuir para que os docentes repensem sobre os conteúdos, pensem sobre os métodos, pensem a educação, sempre tendo como foco o aluno.

De acordo com Santos (2005, p. 5), “a leitura é um grande auxiliador no sentido de instrumentalizar o professor para que ele lance um olhar crítico-reflexivo sobre sua prática escolar pedagógica”, possibilitando assim, aumentar os limites das informações aos alunos, desenvolvendo uma aprendizagem significativa relacionando com a realidade e a prática do dia-a-dia.

A formação continuada do professor pode ser favorecida se o mesmo tem hábito de leituras regulares, ele terá subsídios necessários para elaborar questões instigantes e curiosas para os alunos. Através da leitura, o professor poderá mediar os questionamentos e pensamentos reflexivos dos alunos. (SANTOS, 2005)

Se o professor tem em sua prática a leitura, ele servirá como modelo aos alunos, despertando assim o desejo e a curiosidade dos mesmos, os auxiliando na sua formação de ser crítico. A formação de professores que refletimos, deve acontecer a todo o momento de sua vida profissional, na escola, durante o trabalho como algo que venha a promover o melhoramento de sua práxis. Para isto, as próprias escolas, no caso em especial os gestores, precisam estar atentos às necessidades de suas equipes educativas, os auxiliando no seu processo de renovação pedagógica, para que não se tornem repetitivos, oferecendo subsídios para que eles mudem com a mesma frequência que o pensamento muda (SANTOS, 2005).

Ainda é perceptível na prática, a ideia de que a literatura está a serviço da moralização e dos ensinamentos, independente de divertir ou instruir. Os professores que querem despertar o gosto pela leitura e ensinar a “moral”, não percebem que utilizando a literatura como fonte de moralização destrói o prazer pela leitura.

Outro ponto interessante é que a literatura apresenta várias faces, fato que pode levar muitos professores a confundirem as suas finalidades. Os educadores até sabem que a literatura deve servir como forma de enriquecimento; eles até desejam criar nas crianças o prazer pela leitura, mas, e aqui utilizando a fala de Ezequiel Theodoro da Silva (2004, p. 55), ainda temem lidar com “a leitura de prazer estético”.

Ana Maria Machado (2001) diz que a falta de leitura por parte do professor é uma consequência das falhas na formação do mesmo, visto que durante sua vida acadêmica foi preparado a respeito de pedagogia e psicologia, mas muito pouco sobre arte. Por ter tido pouco contato com obras da literatura, o professor não sabe como escolher bons textos para seus alunos. A falta de compromisso com a leitura prejudica o trabalho desenvolvido com os textos literários, uma vez que o professor não consegue explorar o discurso, o enredo, o ideológico, o simbólico, etc.

Esta falta de conhecimento com relação à literatura parte desde a faculdade, já que formação literária não tem espaço na grade curricular do docente, por isso este não sabe explorar devidamente os textos literários com seus alunos. Quando o professor leva um livro à criança pretende que este seja uma forma de aquisição de conhecimentos e moralização.

A ideia de que a leitura vai fazer bem à criança, faz com que a leitura se torne obrigação, mesmo que esta obra não lhe diga nada. Ela terá que ler para ser submetida a uma

avaliação e será punida se não cumprir com suas responsabilidades escolares. Entre o momento de indicação de título de livro a ser lido e a avaliação que comprovará sua leitura, poucas vezes, se percebe uma preocupação com os motivos pelos quais o aluno não se sente atraído ou não desenvolve o hábito da leitura. Muitas vezes as avaliações sobre o livro recebem uma qualificação bem maior do que a sugestão de atividades que tornem o livro uma fonte de prazer para o aluno. Não deveríamos obrigar e nem ser obrigados a gostar de ler, o papel dos educadores estaria justamente em identificar, ou até mesmo utilizar estratégias, como a leitura no início da aula para incentivar o aluno a ler. (CUNHA, 2002).

Para desmistificar a ideia de que a literatura é moralista, precisa-se formar professores capazes de identificar o papel da literatura como prazer e parte inerente da escola, não no sentido de avaliar e sim em relação ao surgimento de novas ideias, de valorização da criatividade e da imaginação.

Pelos autores que foram consultados nesta pesquisa percebe-se que a formação do professor tanto inicial como continuada é algo a ser produzido com certo respaldo teórico e analítico, o que se supõe então, que não poderia ser substituído pelo papel de uma revista comercial, tanto na educação de um modo geral, assim como no caso da leitura e da literatura.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo deste estudo, a análise das publicações da Revista Nova Escola que abordam a temática da literatura infanto-juvenil, o trabalho investigativo foi conduzido pela pesquisa qualitativa. As pesquisas de cunho qualitativo caracterizam-se pelo seu caráter exploratório, onde o pesquisador e o objeto de estudo estão em contato direto.

A pesquisa qualitativa compreende um conjunto de técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar componentes de um sistema complexo de significados, trata-se de traduzir e expressar os fenômenos do mundo social reduzindo a distância entre o indicador e o indicado, entre contexto e ação (MAANEM, 1979, p. 520).

A abordagem de Godoy (1995) descreve que as pesquisas qualitativas são: “um fenômeno que pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (p. 21). Nesse sentido, após algum tempo de reflexão optou-se pela realização de análise documental, do qual o objeto seriam publicações impressas da Revista Nova Escola do período de 2010 a 2015.

A escolha da Revista Nova Escola se deu por que ela é disponibilizada a todas as escolas do país pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola, desenvolvido desde 1997 pelo MEC, com o objetivo principal de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores, a partir da disponibilização de materiais diversos, dentre eles periódicos. Além disso, o fato da Revista Nova Escola ser descrita como uma das revistas pedagógicas mais conhecidas no Brasil, pela sua tiragem e número de leitores também foi uma influência significativa.

As publicações da Revista Nova Escola acima citadas, constituíram o corpus documental desta pesquisa, que segundo Bardin (1997, p. 122) “é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Sobre os objetivos da análise documental, Bardin (1997, p.47) destaca que “enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados, a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”, dessa maneira, trata-se de esmiuçar, estudar, tratar as informações contidas nesses documentos, tendo em vista uma melhor compreensão acerca de seu conteúdo.

Em um primeiro momento, decidiu-se a elaboração de uma pesquisa que envolvesse a literatura infanto-juvenil, a Revista Nova Escola e a mídia, formação de professores. O segundo momento é o da exploração do material, onde ocorre a leitura minuciosa do material selecionado anteriormente e a escolha e separação dos mesmos.

Foram xerocadas as reportagens da Revista que tratam de literatura para melhor visualização, tendo em vista a compreensão e análise das abordagens que a mesma executou no período de 5 anos sobre a literatura infanto-juvenil. Foi desenvolvida ainda nesta fase a categorização das reportagens buscando relacionar o que cada uma delas tivesse em comum com as demais selecionadas.

A última etapa diz respeito à interpretação dos resultados quando ocorre uma análise esmiuçada, e que os resultados obtidos na fase de exploração são tratados, tendo em vista verificar a veracidade dos mesmos. Há nessa fase a exploração do referencial teórico utilizado no decorrer da pesquisa. (BARDIN, 1997). Como dito, foram analisadas as publicações da Revista Nova Escola no que diz respeito às abordagens onde há presença da temática da literatura infanto-juvenil nos anos de 2010 a 2015.

Ao procurar o material de análise, no caso os exemplares da RNE, visitou-se vários estabelecimentos de educação e houve dificuldade para encontrar todos os exemplares da revista, desta maneira optou-se por analisar as revistas que se teve acesso. Desta maneira, no ano de 2010 foram analisadas as revistas correspondentes aos meses de: março, abril, outubro. Já no ano de 2011 foram analisadas as revistas correspondentes aos meses de: setembro e dezembro. No ano de 2012 foram analisadas as revistas de: março, maio, junho e julho, setembro, outubro e novembro. No ano de 2013 foram analisadas as revistas dos meses de: maio, junho e julho, agosto, setembro, novembro e dezembro. No ano de 2014 todos os periódicos foram analisados (dez) e no ano de 2015 foram analisados os exemplares de janeiro até o mês de setembro.

O fato da revista ser distribuída gratuitamente para as escolas públicas nos fez pensar que as mesmas estariam guardadas em formato de coleção, como material de consulta. Porém como descrevemos acima, não localizamos exemplares que comprovassem essa hipótese. Em diálogo com gestores e professores fica claro que muitos exemplares ficam com os professores, que a escola não faz um registro de todos exemplares por entender que é algo consumível, e assim muitas acabam sendo utilizadas para recortes pelos docentes e alunos.

Se cogitou à busca pelo material em formato digital para aqueles que não foram encontrados impressos, porém definiu-se pela não utilização, pois alguns conteúdos são atualizados cotidianamente e poderia se perder na relação com o tempo da notícia.

Ressalta-se que no quadro a seguir, são apresentados os periódicos que apresentam algum dado sobre a literatura infanto-juvenil, pois dos 38 exemplares analisados, alguns não fizeram menção ao assunto. Assim, dos 38 exemplares analisados, apenas 26 continham algum assunto sobre literatura.

Também é importante destacar que a RNE é dividida em diversas seções, cada uma com um foco específico, como é possível verificar no quadro abaixo:

Quadro 1: Tópicos do Sumário da Revista Nova Escola

Capa	Apresenta o tema destaque debatido na edição.
Seções	Estas são estabelecidas a partir de suas abordagens, como podemos visualizar no quadro 2.
Sala de aula	Apresenta propostas de trabalhos a serem desenvolvidos na sala de aula, nas diversas disciplinas.
Reportagens	Destinada a reportagens acerca das mais diversas temáticas.

Fonte: Segatto (2014).

Quadro 2: Lista de periódicos analisados

Ano	Número de abordagens	Seções	Títulos das reportagens
2010	3	Língua Portuguesa	Autor em Formação
		Capa	Quanta Coisa eles aprendem
		Língua Portuguesa	Foco na margem

2011	1	Capa	Lendas Urbanas conquistam a classe
2012	3	Nova Escola discute	Livros tão, tão distantes das mãos dos alunos.

		Sala de aula	É livro ou é brinquedo?
		Sala de aula	Sua excelência, o personagem
2013	4	Pôster: modo de usar	As parlendas vão tomar conta da turma
		Língua Portuguesa	Clarice pergunta, as crianças respondem
		Língua Portuguesa	Quando o objetivo é ler e aprender poesia
		Educação de jovens e adultos	De volta à escola
2014	11	Pôster: plano de aula	Para apreciar os versos de Quintana
		Neury responde	Devo organizar os livros da biblioteca de sala por idade?
		Capa: Projetos nota 10	Estudantes contadores e escritores de causos
		Em dia	Escritora simplifica obra de Machado de Assis
		Língua Portuguesa	A pluralidade da poesia em sala
		Língua Estrangeira	Into the wild

		Fala mestre!	Teresa Colomer- Literatura não é luxo.

		Língua Portuguesa	O personagem virou um inseto. Que nojo.
		Capa: Escrita na pré escola	Ler e escrever começa agora!
		Sala de aula	Incentivar leituras com contexto verbal ou material
		Língua Portuguesa	A literatura africana pede passagem
2015	4	Língua Portuguesa	Reserve lugar para as sagas na estante
		Língua Estrangeira	Leitura sem mistério
		Língua Portuguesa	Extra! Formiga dança e cigarra não canta mais
		Língua Portuguesa	Mais um trabalho para Hércules

Fonte: Autora (2015).

Conforme observado no quadro acima a grande maioria dos exemplares está situada na seção Língua Portuguesa o que evidencia o uso da literatura como Pedagogização das atividades em sala de aula.

A seguir, serão apresentados e discutidos os conteúdos publicados na revista nos exemplares analisados, e que fazem parte do corpus deste trabalho.

6 POR DENTRO DA REVISTA NOVA ESCOLA: OBSERVANDO AS ENTRELINHAS

É importante deixar claro que ao analisar as revistas, percebeu-se que a literatura possui várias faces, e que de maneira alguma o assunto seria esgotado. Ressalta-se que não se contesta a participação da revista como instrumento de aprendizagem para os professores, no entanto, poderá se observar várias discussões realizadas no tocante do formato de “receitas prontas”, colocadas na revista como soluções para os problemas didáticos das escolas.

6.1 LITERATURA COMO PRETEXTO PARA ATIVIDADES ESCOLARIZANTES

Em março de 2010 a Revista Nova Escola colocou como opção de produção de texto para a língua portuguesa o artigo intitulado “Autor em formação”, o referido artigo propunha o planejamento, a textualização, a revisão e a edição como fundamentais para garantir o desenvolvimento de bons escritores, matéria escrita por Beatriz Vichessi.

O trabalho foi desenvolvido utilizando a obra “A bruxa da Rua Broca” do Frances Pierre Gripari (1925-1990) publicado em “Os contos da Rua Broco”. No trabalho com a turma da 4ª série do Ensino Fundamental (EF), a professora Cláudia desejava que todos produzissem textos com qualidade. A proposta feita à turma era reescrever o conto “A Bruxa da Rua Mufetar”, presente no referido livro, substituindo o personagem principal e fazendo as adequações necessárias para que a novidade instigasse os alunos a escrever (NOVA ESCOLA, 2010).

Tendo como finalidade contra argumentar a proposta acima citada, coloca-se que das três instâncias de escolarização da literatura infantil na escola, a mais frequente e mais regular e também a mais inadequada, é a leitura e estudo de fragmentos de textos da literatura infantil. Inadequada porque há uma seleção limitada de tipos e gêneros, pois há uma escolha pouco criteriosa de autores e obras, e, sobretudo, porque os textos são quase sempre pseudotextos, isto é, fragmentos sem textualidade, sem coerência, e ainda porque as atividades que se desenvolvem sobre os textos não se voltam nem para a textualidade nem para a literalidade do texto. Não é excessivo afirmar que a obra literária é desvirtuada, quando transposta para o

manual didático, que o texto literário é transformado, na escola, em texto informativo, em texto formativo, em pretexto para exercícios de metalinguagem. (EVANGELISTA, BRANDÃO, MACHADO, 2001).

Outra proposta inserida no artigo da revista, é um livro de contos da turma constituído nas seguintes etapas: ler alguns contos da obra escolhida pela professora, com descrição dos personagens envolvidos e organização da reescrita coletiva, depois o mesmo trabalho de outro conto da mesma obra reescrito em duplas. Conforme citam Evangelista, Brandão e Machado (2001) a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. Certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa, no entanto as mesmas autoras falam que uma seleção limitada de autores e obras resulta em uma escolarização inadequada, sobretudo porque se forma o conceito de que literatura é certos textos e certos autores.

Ainda na edição de março de 2010 a revista trata o tema da escrita. Entende-se que escrever bem é uma tarefa extremamente complexa e que envolve múltiplas capacidades. A revista afirma que para alcançar todos esses objetivos, existem diversas situações didáticas que podem ser colocadas em prática. O importante, seja qual for a escolhida, é que os estudantes entrem em contato, desde o primeiro momento, com uma proposta global e semelhante as situações que ocorrem nas atividades de comunicação da vida social. É fundamental também que o docente se concentre na exploração das diversas etapas que compõem a produção (planejamento, textualização, revisão e edição) e que saiba identificar as fragilidades que a turma apresenta para, assim, eliminá-las. Quando escrevemos temos uma singularidade que sem dúvidas é adquirida através da leitura, leitura imposta, leitura livre, leitura dirigida, para escrever é necessário ler e para ler é necessário escrever, fala-se isto por que assim como a escolha do livro, deve ser livre também a forma da escrita que não precisa ser imposta.

Em julho de 2010, a RNE cita que a partir do 6º ano do EF, os alunos passam a ter um contato mais complexo com a literatura. Além de continuar lendo para ampliar o repertório de obras e autores conhecidos, nesta fase começam a estudar a literatura em si. A principal mudança com relação ao conteúdo dos anos anteriores é incluir a análise e a reflexão sobre o enredo, os recursos linguísticos. O contexto das obras literárias continua a ser objeto de ensino. A revista coloca ainda que, com intuito de ajudar o professor, preparou um programa completo para turmas do 6º ao 9º ano do EF, com a consultoria de Helena Weisz, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), e Regiane Magalhães Boainain, mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo (PUC- SP). A seleção de obras foi realizada pelas consultoras e para cada ano, foram selecionadas quatro obras - que podem ser trabalhadas uma por bimestre, conforme sugestão da própria revista. Segundo a revista, por meio delas, os alunos vão aprender a analisar a literatura e refletir sobre a língua escrita, em aulas interessantes e desafiadoras (NOVA ESCOLA, 2010).

Quadro 3: Sugestões de leitura

Ano	Título	Autor
6º ano	Rick e a Girafa	Carlos Drummond de Andrade
	A terra dos meninos pelados	Graciliano Ramos
	Os cavalinhos de Patiplanto	José J. Veiga
	Melhores poemas	Paulo Leminski
7º ano	O Nariz	Luis Fernando Verissimo
	Histórias extraordinárias	Edgar Allan Poe
	Belo Belo e outros poemas	Manuel Bandeira
	Sombras de Rei Barbudos	José J. Veiga
8º ano	Laços de família	Clarice Lispector

	A rosa do povo	Carlos Drummond de Andrade
	A dama do cachorrinho e outros contos	Anton Tchekhov
	O pagador de promessas	Dias Gomes
9º ano	Todos os fogos o fogo	Julio Cortazar
	As flores do mal	Charles Budelaire
	Os Ratos	Dyonelio Machado
	A metamorfose	Fran Kafka

Fonte: organizado pela autora baseado na Edição de julho de 2010 da Revista Nova Escola.

Evangelista, Brandão e Machado (2001) colocam que a dicotomia que se apresenta nas bibliotecas do país é evidente, para as autoras um livro sobre as estrelas ou as baleias pode fazer sonhar e imaginar tanto quanto um romance, um romance de Júlio Verne ou Jack London pode fazer descobrir o mundo dos homens, da natureza e dos animais de modo tão eficaz quanto um documentário. Assim selecionar leituras para faixa etária se faz desnecessário bem como estipular prazos de leitura – um livro por bimestre, o que nos parece uma lógica temporal avaliativa.

Outro pressuposto levantado pela revista é a mediação. No exemplar de outubro de 2010 a matéria diz que o professor tende a despertar o interesse dos alunos pelo hábito da leitura e amplia o repertório deles de várias maneiras, colocadas através de uma sequência didática. A Revista Nova Escola (2010) cita o pesquisador inglês Terry Eagleton, com a ideia de que a literatura se caracteriza por transmitir emoção estética. Outra pesquisadora citada na matéria é Mei Hua Soares, professora de Língua Portuguesa, que chama a atenção para outro ponto:

Os alunos, por ainda serem pouco ou nada familiarizados com o universo literário, podem não perceber a função dos objetos de mediação usados pelo autor, como palavras e distorções da realidade, e acabar rejeitando a obra. Ou, no extremo oposto, ainda ignorando a mediação, se identificar em demasia com ela e passar a fazer apologia descabida ao material (NOVA ESCOLA, 2010 p.36).

Assim, para a revista, o papel do educador é tão importante neste momento quanto diante de um texto de Machado de Assis (1839-1908). A comparação de textos de diferentes gêneros e diferentes formas é importante, não com o intuito de mostrar como uma é inferior à outra, mas para que entendam como e por que diferentes grupos interpretam e registram questões muito semelhantes. E, é claro, para se despir de todos os preconceitos.

Falando em preconceito das matérias que analisadas, somente duas tratam da literatura infantil, as demais abordam temas que envolvam a literatura no Ensino Fundamental, e baseadas no pressuposto de que tudo precisa de análise, de solução e de caracterização. Em uma dessas matérias sobre a educação infantil, editada em março de 2010 os pequenos (termo utilizado pela revista) recebem cuidado e atenção e têm espaço para explorar, brincar e se conhecer.

A matéria indica que em sala, as crianças têm à disposição brinquedos e materiais que incentivam a expressão artística e estimulam a imaginação. No parque, se divertem pisando na areia. Mesmo sem saber ler, manuseiam livros. Muitas vezes, nem conseguem falar e já estão "cantando" cantigas de roda e seguindo a coreografia. Assim é o dia das crianças de até 3 anos nas boas creches do país (Nova Escola, 2010).

O interessante é que as boas creches do país são boas por disponibilizarem materiais, não que isso não seja válido, mas e a leitura do professor com as crianças, o jogo simbólico, a imaginação, cadê as situações de aprendizagem? Para Beatriz Ferraz (Nova Escola, 2010, p.38) "Todas essas experiências que fazem parte da rotina devem ser organizadas em um currículo de forma a proporcionar o desenvolvimento de habilidades, como andar, e a aprendizagem de aspectos culturais, como o hábito da leitura". Um discurso interessante, mas destoante da maioria das escolas brasileiras que continuam a lutar por materiais básicos e pela formação dos professores que estão desatualizados.

Os alunos do 6º e do 7º ano, foram surpreendidos com um tema pouco explorado: lendas urbanas conquistam a classe. O texto escrito por Elisangela Fernandez em dezembro de 2011, demonstra a variedade de possibilidades com que a literatura pode ser apreendida e

compreendida. A matéria trata sobre o subgênero lendas que surgiu com a ideia da professora que propôs como tarefa de casa que os estudantes perguntassem a amigos e familiares quais lendas eles conheciam. No decorrer da matéria a professora contou que ficou surpresa com a quantidade e os títulos citados pelos alunos: Loira do banheiro, Homem do Saco e da Gangue dos Palhaços. Iniciando a contação destas lendas, a professora fez a contação da “lenda da mulher da meia-noite”.

Durante a contação das histórias, houve muitas novidades e a professora percebeu que conforme a região as crianças falavam da lenda de uma maneira. Outro ponto levantado pela revista foi à exposição das emoções, visível através das falas das crianças. Sobre isso Baldi (2009, p.09) diz que “essa é como qualquer outra forma de arte, é capaz de nos tornar pessoas melhores, não só intelectual, mas emocionalmente, porque desperta o que de melhor existe em nós”. Ela afirma que a literatura infantil é como uma forma de arte que está diretamente ligada aos sentimentos humanos e por isso tem a capacidade de transformar as pessoas.

O autor Britto (EVANGELISTA e BRANDÃO, 1999, p. 84), afirma que “a leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída”. Subtende-se que o ato de ler, para o autor, deveria ser como uma ação cultural, em que o próprio leitor constrói uma significação sobre o texto.

Percebe-se que na medida em que as leituras são exigidas, objetivando o cumprimento de tarefas puramente escolarizadas, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são privilegiadas, mas impostas. Essa concepção autoritária da leitura promove um apagamento da voz do aluno enquanto leitor e produtor de textos. Segundo Kleiman (1996, p.24): “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto”.

Consta na edição de maio de 2012 o tema dos livros que permanecem tão, tão distantes das mãos dos alunos. Para a revista, “Somos um país que lê pouco”. Para comprovar este dado a revista cita a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-Livro, em São Paulo, onde a média anual por pessoa é de apenas quatro livros e a maioria deles é indicada pelos professores.

O mais interessante da mesma reportagem é a afirmação identificada na própria revista: os brasileiros não estão sendo seduzidos para a leitura, e 61% das crianças e dos jovens em idade escolar dizem ler apenas por obrigação.

O contraste entre a fala da matéria e as identificações encontradas em cada atividade proposta após leitura, revela uma contradição do pensamento da revista sobre a literatura. Esta foi a primeira matéria que fala especificamente que o ato de ler além de ser induzido é realizado por obrigação reforçada pelas atividades sugeridas pela própria revista. Como já verificado no quadro anterior o maior número de reportagens encontradas na revista está situada na seção língua portuguesa e isso faz com que ao falar de literatura, se fale em pedagogização da literatura.

A outra matéria que fala da educação e da literatura infantil está na edição de junho/julho de 2012 e se intitula: *É livro ou é brinquedo?* Quando há conversa sobre os momentos de leitura, o trabalho com material é levado a sério pelos educadores. No acervo também estão disponíveis livros brinquedos: do tipo pop-up com texturas, sons e abas que quando abertas, revelam novidades. Os recursos devem auxiliar na contação para os alunos, como bons ouvintes eles serão capazes de reconstruir as histórias na imaginação, sem precisar repetir versos ou escrever um resumo da história. Ainda bem que ainda não sabem escrever, senão seriam obrigados a fazer um resumo da obra.

Continuando a saga do uso escolarizado da literatura, a revista de novembro de 2012 aborda a importância do personagem para compreender o enredo, com a atividade proposta pela professora Beatriz Santomauro, que se baseou na leitura do livro: “Tentação” de Clarice Lispector, publicado em “A legião Estrangeira”. Depois de ler os livros as crianças expuseram suas ideias. Conforme relato da professora, houve quem sugerisse que a menina soluçava porque tinha chorado muito.

Após os alunos fizeram a leitura de “O menino e o Burrinho”, de Luís da Câmara Cascudo, publicado em “Conto com você”, os grupos foram divididos em duplas e houve discussão entre as duplas, em seguida houve uma exposição oral.

Para compreender a linguagem oral é necessário perceber o homem, na qualidade de um ser de relações, possui a capacidade de transmitir o que pensa e sente através de elementos da linguagem como gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras; assim se comunica com o mundo que o cerca. Os variados meios para expressar ideias, elaborar significados e transmitir conhecimentos evoluíram ao longo da história. Assim como a linguagem oral. Marcuschi (2001) afirma que:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a

decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de uma inserção cultural e de socialização. (p.18)

Ao trabalhar com o livro e com a literatura, Abramovich (1991) menciona que pode-se descobrir um mundo imenso de conflitos e impasses, cujos problemas são enfrentados e solucionados pelos personagens da história. Ao mergulhar neste ambiente imaginário, a criança poderá identificar-se com alguns personagens presentes no enredo da mesma e buscar resolver suas dificuldades pessoais. Busatto (2003) complementa que os contos de fadas apresentam sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína, geralmente sem nome próprio, sendo, muitas vezes, representados apenas pela princesa, rei, rainha, mãe, madrasta, bruxa entre outros.

Para Coelho (1991) é preciso que o ensino de literatura busque meios de persuadir o aluno-leitor a encontrar, na leitura do texto literário, um espaço lúdico de reconstrução de sentidos, em que a imaginação do leitor é guiada pelos indícios textuais no ato dinâmico da leitura.

Na revista de maio de 2013 a edição vai falar que Literatura não é luxo. Para Teresa Colomer, autora de *Andar entre Livros - A Leitura Literária na Escola e Formação do Leitor Literário: A Narrativa Infantil e Juvenil Atual* qualquer pessoa pode desfrutar da literatura lendo (NOVA ESCOLA, 2013).

Ainda, de acordo com Teresa Colomer, mas na edição de agosto de 2014, a escola precisa ler, compreender e interpretar um texto e relacioná-lo com o mundo cultural. Uma delas tem a ver com rapidez e fluência: quem lê de forma muito lenta não consegue entender o que o texto diz. Outra é saber relacionar as informações que aparecem na obra. Também é preciso ensinar os alunos a se movimentar no mundo da cultura e da língua literária. Isso implica saber como funcionam as bibliotecas - incluindo o que fazer para encontrar uma obra nas estantes, que os livros são vendidos nas livrarias, que existem títulos traduzidos e que faz diferença saber quem traduziu, pois, o texto lido pode não ser fiel à obra original (NOVA ESCOLA, 2014).

Uma parte da entrevista que considerou-se fundamental, foi no momento em que a autora identifica as funções da literatura, logo, se posiciona:

São muitas, entre elas apresentar outras perspectivas, permitir ao leitor se colocar na pele de outras pessoas e ver o mundo com distintos olhos. Ela também está relacionada à fantasia, à fabulação, que é uma necessidade humana, e por isso

inventamos histórias desde sempre. E mais: a literatura constrói comunidades ao reunir pessoas que têm os mesmos referenciais, gostam dos mesmos personagens e das linguagens. Graças à poesia, por exemplo, lutamos com a nossa incapacidade de expressar tudo o que sentimos. Ela é o laboratório da língua e, tal qual as artes plásticas e a música, gera prazer. E é por prazer que a leitura deve ser feita (REVISTA NOVA ESCOLA, 2013, p.16)

Trata-se de não controlar o leitor de não moldar opiniões e nem forçar ideias historicamente colocadas e abordadas pela sociedade, outra novidade, é o gosto da leitura dos alunos que é diferente do gosto dos professores como se verá a seguir.

A literatura em sala de aula provoca emoções e reações na edição de novembro de 2013, ocorre a leitura de uma entrevista com Clarice Lispector, realizada pela educadora Suse Mendes. A própria professora, com um livro em mãos, ela dá início às atividades: "Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir. Peço que leiam esta história até o fim. Vou contar umas coisas [...]". As crianças dizem seu nome (NOVA ESCOLA, 2013).

Esse é um dos trechos de uma obra -*A Mulher Que Matou os Peixes*- em que a autora Clarice Lispector (1920-1977) estabelece um diálogo com os leitores ao escrever para o público infanto-juvenil.

Na história, ela conta que os peixes de seu filho (na época, com 20 anos) foram mortos por culpa sua, mas que tudo não se passou de um acidente. E explica que vai provar que é incapaz de "matar uma coisa viva". O tempo todo, quem lê a obra é provocado a pensar sobre os atos narrados e convocado a julgar se a morte dos bichos foi ou não proposital. Para a revista, elaborar um trabalho para levar essa autora à sala de aula, é uma oportunidade enriquecedora por vários motivos. Além de colocar os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental em contato com uma literatura de qualidade e sem tom moralizante, ao contrário de boa parte dos títulos voltados ao público infantil; Clarice tinha o costume de dialogar com as crianças em diversas obras. Nesta matéria houveram também atividades, mas a participação da professora como leitora de Clarice Lispector fez com que as crianças prestassem atenção no texto.

Na mesma edição da revista, consta também a matéria intitulada como: Ler a versão original da história de Alice. Em meados do século 19, foi lançado *Alice's Adventures in Wonderland*, um clássico infanto-juvenil do britânico Lewis Carroll (1832-1898). Antes de pôr as atividades em prática, a professora elaborou estratégias para aproximar os adolescentes do texto e romper com a resistência e o medo de ler literatura, tal como foi escrita originalmente. "O que define parte do sucesso de uma atividade assim é o conhecimento que o docente tem sobre o livro e a consonância dos objetivos da leitura com os sabe". (NOVA

ESCOLA, 2013, p.63). Ler a obra original se parece um grande passo, tendo as construções históricas e de psicanálise das histórias infantis, ler a obra original pode trazer muitos questionamentos, é um bom momento para perguntas que provavelmente surgiram ao longo da leitura da história original que era desconhecida pelos alunos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa (1997) a questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve um exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Costumam estar presentes na escola o uso da literatura como expediente para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores.

Na edição de dezembro e janeiro de 2013-2014, em que o tema é Parlendas, a matéria propõe utilizar a cultura oral infantil no seu dia-a-dia, assim, a revista coloca que brincar é uma parte importante da infância e muitas brincadeiras que as crianças aprendem com os pais, familiares e amigos são embaladas por parlendas (REVISTA NOVA ESCOLA, 2013/2014, p. 41).

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) indicam que as poesias, parlendas, trava-línguas, os jogos de palavras memorizados e repetidos possibilitam as crianças atentarem não só aos conteúdos, mas também a forma, aos aspectos sonoros da linguagem, como ritmos e rimas (REVISTA NOVA ESCOLA, 2013/2014, p. 41).

A Revista apresenta a seguinte parlenda:

“Cadê o toucinho que estava aqui?
O gato comeu.
Cadê o gato?
Foi pro mato.
Cadê o mato?
O fogo queimou.
Cadê o fogo?
A água apagou.
Cadê a água?
O boi bebeu.
Cadê o boi?
Está amassando trigo.
Cadê o trigo?
A galinha espalhou.
Cadê a galinha?
Está botando ovo”.

O professor apresenta os seguintes questionamentos: o que vocês já conhecem sobre as parlendas? E depois como atividade, o professor organiza a dramatização da parlenda Mamãe polenta (Cadê a polenta que estava aqui?/ O gato comeu./ Cadê o gato?/ Tá em cima do telhado./ Como eu faço para subir? Pega a escada/ e se eu cair?/ Bemfeito!!!).

Em outra situação depois de demonstrar o que eram poemas, o professor da classe solicitou que os próprios alunos produzissem seus poemas, nesse sentido “devemos desmistificar a ideia de que a poesia é resultado de uma iluminação” fala esta do próprio professor. Outro ponto que a matéria aborda é a confiança dos alunos nas escritas dos poemas, e o poema foca na oralidade.

A RNE ainda apresenta a poesia com o objetivo de ler para apreciar, mas entende-se por apreciar algo sem cobranças e a revista propõe uma série de atividades com a poesia. A poesia é colocada com os textos: *A Bomba Atômica* e *a Rosa de Hiroshima*, além de *Soneto de Fidelidade*, *Ressalva*, *Beijos*. Os questionamentos apresentados pela revista pós-leitura das obras: “Como vocês interpretam esse trecho”?

Será mesmo necessário interpretar um poema ou uma parlenda? Os textos não precisam ter sentido, mas serem abertos, livres de uma única maneira correta de interpretação, a intenção da revista era apreciação, no entanto, em nenhum momento houve apreciação, pois a leitura se tornou atividade, programada, robotizada.

Através da leitura as crianças podem ter um conhecimento de mundo mais significativo. Frantz (2000) afirma que a criança busca na leitura, antes de tudo, o prazer, mas busca também respostas para as inúmeras indagações sobre a vida e os seres humanos, a vivência de emoções novas e gratificantes e sugestões alternativas para as suas inquietações diante da vida que se descortina à sua frente.

Na revista de março de 2014 são apresentados os versos de Mário Quintana. A matéria divulga o falecimento do poeta completando duas décadas, Camila Camilo, autora da matéria, elabora uma sequência didática voltada para as aulas de língua portuguesa. A proposta da autora é realizar um Sarau, inspirado nos seguintes questionamentos: *Como os escritores se inspiram? Que poetas vocês conhecem e de que poemas lembram?* A proposta seguinte é a leitura de poemas e a gravação das crianças lendo os poemas, e por último, organizar uma visita a biblioteca da escola. Utilizando o referencial de Evangelista, Brandão e Machado (2001) é possível colocar que a literatura e escola são duas instituições, e é como tal que também estão em constante interação, assim não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, o uso inadequado do texto literário, fragmentado, deslocado, manipulado. O poema neste sentido não pode ser usado como pretensão para didática já que é

justamente sua polissemia, suas lacunas a serem preenchidas pelo leitor, mesmo quando se tenta guiar esse leitor em seu ato de leitura.

Para Zilbermann (2005) o mérito do poema não se situa na história relatada, mas na observação de situações insólitas, decorrentes da mistura entre fatos próprios ao cotidiano dos seres humanos e o comportamento dos animais.

Não obstante, tantos materiais demonstrando o uso escolarizado da literatura, em abril de 2014 Walleska Bernardino Silva, professora da Escola de Educação Básica (Eseba) da Universidade de Uberlândia (UFU), conta que a turma não digeriu bem a leitura indicada por ela. A escolha do livro, não obteve sucesso. Baseado no livro *A Metamorfose*, do alemão Franz Kafka (1883-1924), foram criadas sequências didáticas para fazer com que os alunos gostassem do livro. A revista cita João Luís Ceccantini, especialista em leitura e literatura infanto-juvenil e docente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), na opinião dele a criança precisa do mundo imaginário, já que o adulto está completamente ligado ao mundo real (REVISTA NOVA ESCOLA, 2014).

Será mesmo que existe uma leitura na idade certa? Levanta-se este questionamento, pois se vê que as crianças costumam pegar livros diferentes dos que se prioriza para a faixa etária delas, trata-se de escolha, livre e espontânea, baseada em seus próprios interesses.

A edição nº 273 de junho/julho de 2014 trata da literatura para crianças e adolescentes, o título do texto é: “Vem que eu te conto”, a reportagem apresenta que não há dúvidas que a escola é um ambiente privilegiado para garantir o contato das crianças e adolescentes com os livros. A revista criou então um, *hotsite* dedicado ao incentivo da leitura. No *hotsite* estão disponíveis vinte textos de diferentes gêneros (contos, crônicas, poemas, canções e fabulas) escritos por autores consagrados como: Ricardo Azevedo, Thiago de Mello e Arnaldo Antunes, além disso, a plataforma *hotsite* disponibiliza vídeos com leituras feitas pelos próprios autores.

Com relação às novas tecnologias e o surgimento da internet, houve uma preocupação com os livros, pois se imaginava que eles seriam substituídos pela internet já que a confecção de livros era considerada cara e pouco ecológica. Em relação à Literatura destinada as crianças, pode-se ressaltar que uma das grandes vantagens adquiridas pelas novas tecnologias é que, ao nível gráfico, os livros para crianças melhoraram bastante, desde os formatos cada vez mais imaginativos, passando pela maior variedade dos tipos de letra, pela melhoria das ilustrações e da cor.

É importante destacar que a Literatura e a escola são duas instituições e é como tal que também estão em constante interação. Não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de

didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras (EVANGELISTA, BRANDÃO, CARVALHO, 2001).

Na revista de dezembro de 2014 e janeiro de 2015: Mensagens, palavras, frases, textos são colocados como objeto de pesquisa. A revista afirma que a melhor época para se iniciar no mundo das letras tem sido um tabu ao longo dos anos. Na escola pública, defende-se que essa prática é séria demais para a Educação Infantil, muito escolar para os pequenos que merecem exercer seu direito de brincar. Ainda cita que o inverso acontece nas instituições particulares, que defendem a alfabetização nesta faixa etária.

Como pesquisadora deste trabalho, concordo com a afirmação que a revista coloca quando diz que: entre a proibição e a obrigação, existe uma criança que explora o mundo da escrita e pensa ativamente sobre ela. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil orientam a "articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural" (BRASIL, 2009).

A verdade é que, desde muito novas, elas têm acesso à linguagem escrita em seu dia-a-dia e, aos 4 e 5 anos, estão em plena fase de investigação deste objeto da cultura, inclusive nos suportes digitais. Exploram o teclado do computador, veem o bilhete à mão preso na geladeira, reconhecem os produtos na prateleira do supermercado, os nomes dos programas na televisão e as placas de sinalização. A escrita está por toda parte. Postergar a interação com ela não é uma boa opção. Cita a revista que para favorecer o desenvolvimento dos pequenos, vale a pena ensinar a usar as letras em situações reais de leitura e escrita, propiciar momentos de reflexão sobre elas, conversar sobre suas denominações e promover a relação com palavras e partes de palavras conhecidas, como os nomes de amigos e parentes ou os títulos de histórias (REVISTA NOVA ESCOLA, 2014)

Em outubro de 2014 uma educadora pergunta a RNE como ela deve organizar os livros da biblioteca, questionando se deveria ser por idade. A resposta de Neurilene Martins doutora em educação diz o seguinte:

Considerar a faixa etária e o perfil das crianças para organizar a biblioteca de sala de aula é essencial, mas não é recomendável separar os livros e periódicos por idade. O ideal é investigar as preferências leitoras e observar com quais práticas os alunos têm familiaridade, para valorizá-las e, ao mesmo tempo, ampliar o horizonte de leitura deles, introduzindo novos autores, estilos, gêneros e temas. Também é importante enriquecer o acervo para oferecer leituras variadas, tanto de textos literários quanto informativos. Defina critérios de organização, como separá-los por escritor, gênero, subgênero ou temáticas. Essa arrumação pode ser feita com a participação das crianças e não precisa ser fixa, sendo interessante alterá-la de acordo com os objetivos de aprendizagem em curso no momento. A biblioteca de

classe deve ser um espaço de sociabilidade e trocas de experiências leitoras, e não somente de leituras individuais.(REVISTA NOVA ESCOLA, 2014, p. 34)

A mesma edição da revista ainda traz uma matéria sobre criação de uma biblioteca que despertou nas pessoas o encanto pelos livros. A história passou-se na comunidade rural de São Gabriel, a 482 quilômetros de Salvador. Graças a iniciativa da professora Bárbara Pereira Durães, hoje a escola conta com mais de 3 mil livros disponibilizados aos pais e alunos de maneira gratuita.

Além disso, a matéria de Língua Portuguesa: “Estudantes contadores e escritores de causos” aponta como a tradição oral, exposta pela literatura, pode auxiliar no processo de diferenciação entre fala e escrita e na produção de textos. A leitura do Cordel: “Vaca estrela e boi Fubá” de Patativa de Assaré, foi o ponto de partida para uma conversa sobre a maneira como falamos e registramos as palavras. As leituras seguintes foram do livro Malasartes – “Safadezas do Malasartes: A panela do diabo” e “Pedro Malasartes e o Pássaro Lapão”. Utilizando um datashow e um tablet, a professora realizou a leitura compartilhada de “O olho torto de Alexandre e Outros heróis.” Também trabalhou com um texto do livro didático: “O Bisavô e a Dentadura” de Sylvia Orthof. A proposta da professora era que as crianças elaborassem um novo fim para a obra “O caboclo, o Padre e o Estudante”, do livro “Facecias-Contos populares divertidos”, como tema de casa as crianças teriam que redigir seu próprio conto no formato daqueles vistos em aula (NOVA ESCOLA, 2014).

No tocante as histórias, para Zilbermann (2008) não mais compete ao ensino da literatura à transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência.

Como percebe-se nas matérias da revista Nova Escola, as escolas brasileiras ainda têm uma "educação pela literatura", Coelho (1991) propõe uma "educação para a literatura", despertando o aluno para a compreensão do texto enquanto multiplicidade de significados dentro das esferas cultural, ideológica, social, histórica e política, a diferença busca evidenciar o quanto o texto pode ter significados diferentes quando abordados de maneira incorreta.

A Literatura como pretexto para escolarizar: atividades x literatura continuam a aparecer nas matérias da Nova Escola em novembro de 2014 que fala sobre usar a leitura literária. A revista menciona o professor de língua inglesa Tony Perale, do colégio Sidarta, em São Paulo que trouxe uma pergunta chave: O que vocês fariam se passassem por uma situação

extrema de luta pela sobrevivência, como ficar perdidos no meio da floresta? (NOVA ESCOLA, 2014).

A partir deste questionamento, o professor da língua inglesa utiliza o livro “Hatchet” do escritor infanto-juvenil norte americano Gary Paulsen, a intenção dele e da professora Aline Mendonça que apoiou no planejamento das atividades para fazer a classe soltar a língua, era levantar os problemas do livro e recriar a história. Em seguida o professor passou o longa metragem “Alive”, que conta as dificuldades enfrentadas por um time de Rúgbi uruguaio.

Como já mencionado a RNE prioriza o uso da literatura para atividades da escola, nenhuma matéria citada até o momento fala de leitura por prazer. A literatura é apresentada como um mecanismo para oferecer entendimento nos temas propostos em aula.

Na edição de novembro de 2014 e janeiro de 2015, a revista propõe a literatura africana como forma de conhecimento com o realismo fantástico e a linguagem alegórica do moçambicano de Mia Couto. Uma rápida enumeração de escritores africanos de língua portuguesa, mostra quão diversificada é a literatura do continente. Conforme a revista a África ainda é associada a um todo homogêneo ou até a um único país. Era o que pensava o 7º ano da EE Professor José Jorge do Amaral, em São Bernardo do Campo, região metropolitana de São Paulo (NOVA ESCOLA, 2014/2015).

Identificando esta percepção, a professora Silvia Luciana Montoro propôs uma sequência didática de leitura de grandes autores e de escrita de contos maravilhosos inspirados neles. A aula começou uma discussão sobre a África. Levou um mapa para que todos conhecessem os países que fazem parte dele. Em seguida, explicou que, dentro da pluralidade da literatura do continente, havia escolhido representantes dos países de língua portuguesa para que lessem juntos. "Há a vertente francófona, a árabe, a egípcia, a sul-africana, entre outras. É importante que os alunos saibam que a lusófona é um recorte dentro de todas essas possibilidades", explica André Luis Rosa e Silva, autor de materiais sobre a temática africana. Dividida em grupos de cinco integrantes, a turma pesquisou a vida e a obra dos nomes citados, dos angolanos José Luandino Vieira e José Eduardo Agualusa, dos moçambicanos Paulina Chiziane e José João Craveirinha e do cabo-verdiano Abrão Vicente, entre outros, e compartilhou as informações (NOVA ESCOLA, 2014/2015).

O primeiro foi o conto *O Cesto* de Mia Couto. Todos conversaram sobre as ações das personagens, iniciando a análise dos elementos da narrativa. Silvia indicou o conflito, o clímax, as figuras de linguagens, os ditados populares e os neologismos presentes, explicando sobre essas estruturas. Também apresentou a definição da palavra "cesto", retirada de um

dicionário de símbolos. Os estudantes relacionaram a leitura às novas informações. Assim, começaram a entender melhor e apreciar a escrita de Mia Couto.

No conto *Inundação*, do mesmo livro, os alunos deveriam ficar atentos às figuras de linguagem que haviam aprendido anteriormente, como a metáfora, a comparação e a antítese. Também tinham que fazer relações entre o título e o enredo, discutir o desfecho e o clímax da história. Enquanto isso, Silvia pontuava as respostas. A classe também analisou *A Fronteira do Asfalto* de Luandino Vieira, destacando as ações das personagens e o contexto histórico. Silvia chamou a atenção para a descrição do espaço, fazendo com que todos refletissem sobre como os autores estudados inseriram poeticamente a realidade de Angola e Moçambique em suas obras.

Continuando as descobertas sobre a África, a professora exibiu o documentário *Cartas para Angola*, que mostra a troca de correspondências entre brasileiros e angolanos.

Para Evangelista, Brandão e Machado (2001) o conhecimento é o conteúdo dos textos que o leitor compreende, e do qual se apropria. Estaríamos ainda ocupados em selecionar os conteúdos relevantes, legítimos, para que os jovens leitores não percam seu tempo com futilidade? Em que sentido e em que medida ler é conhecer? Por que não ler a leitura africana somente por interesse?

Continuando a discussão sobre a leitura literária e a leitura escolarizada, a revista de dezembro de 2014 e janeiro de 2015 faz uso de historinhas da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa. Na matéria educadora Zenilda mostrou uma lista de personagens do escritor à turma de 5 anos e anunciou: "Aqui temos alguns dos nomes dos personagens dos gibis que lemos. Vamos identificá-los?". Utilizar as histórias da turma da Mônica nos faz pensar em dois aspectos. Por um lado, positivos porque apropriam o significado já que a maioria das crianças conhece o material, de outro, negativo pois este material que as crianças conhecem passa a ser interpretado e utilizado como tarefa, deixando de ser prazeroso.

Sobre letramento literário, Zilberman (2009) complementa sua definição como algo que pode ser apropriado, ou seja, o ato de tornar próprio, de somar e, assim, transformar o que se recebe, aqui especificamente, a literatura. Deste modo, há leituras distintas em um mesmo texto, uma vez que o significado será atribuído conforme o que está apresentado verbalmente, e os interesses que sustentam essa apropriação. Finalizando, a autora diz “trata-se da apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos.” (ZILBERMAN, 2009, p. 67,68)

Outro personagem vítima da escolarização da literatura foi Hércules, na edição de fevereiro de 2015. Com posterior análise de Hércules, surgiu uma sequência didática que durou quatro meses e foi dividida em três partes: planejamento, textualização e revisão. Na primeira, a professora Eunilde dividiu os estudantes em duplas e propôs a leitura de duas versões do livro: uma de Monteiro Lobato e outra de Christian Grenier. Para Mirta Castedo, pesquisadora da área educacional "É importante que os alunos sejam estimulados a ler obras de diferentes autores, refletir sobre o que estão lendo e, também, discutir sobre como essas histórias são contadas", ao mencionar que os alunos precisam ser estimulados a ler e a refletir sobre a leitura, além da discussão, volta-se a literatura pedagogizada, as crianças precisam resumir e escrever o suas percepções sobre os textos.

Fazer um resumo do que se leu é fácil, quando se lê, se cria, se contextualiza e se articula. A questão é como a discussão do que se leu é pautada em sala de aula. Será que o professor concorda com a opinião dos alunos? As opiniões tendem a ser diferentes, pois cada interpretação cria uma discussão, e nossas escolas não estão abertas a discussões, querem receitas prontas, opiniões prontas e resumos prontos. O fato de programar algo para a literatura vai contra todo nosso imaginário, assim como não precisamos interpretar nossos sonhos não precisamos também interpretar a literatura, trata-se de sentir...

A Revista Nova Escola de abril de 2015, discute sobre as sagas na estante, quem escreveu o texto foi Beatriz Vichessi, o texto coloca a resistência das escolas em receber sucessos de vendas como: *O Hobbit*, *Harry Potter*, a revista levanta a discussão sobre as duas modalidades de textos colocadas no contexto da vida dos alunos: o que os educadores querem que os alunos leiam e o que de fato, eles querem ler. A autora do texto cita João Luis Ceccantini que fala que não se pode desconsiderar que o comportamento leitor se forma na diversidade. A autora do texto indica que há uma resistência por parte dos docentes em aderir ao novo, os professores, segundo a autora, preferem os títulos clássicos como: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Ana Maria Machado e Ziraldo. Um ponto importante a destacar é que a resistência ao novo está diretamente ligada as possibilidades colocadas pelas escolas: disponibilidade de materiais, renovação de acervo e até mesmo tempo para leitura e planejamento. A autora aponta que os novos Best Sellers podem ser muito interessantes e que a seleção "precisa ser guiada pelas competências que os alunos têm de desenvolver"(NOVA ESCOLA, p 49). Mas o que os alunos têm de desenvolver?

O interessante da reportagem colocada na revista sobre as sagas é que a maioria das escolas não possui em sua biblioteca títulos que acompanham as tendências. Os jovens que têm acesso a esses livros, considerados como novidades no mercado, são em razão de terem

adquirido por iniciativa própria, e não aguardando que a biblioteca da escola o faça.

Por essa razão é perceptível que a literatura ainda consiste no prazer. No prazer de não escolher os livros velhos da biblioteca da escola, com as páginas rasuradas e faltantes, e sim nas novas histórias que não são impostas pelos professores e que não é necessário fazer resumo ou mesmo torturas orais sobre os títulos.

Outro ponto discutível nesta temática, é que os professores por vezes não conhecem os títulos novos, não tem como julgá-los e muito menos compará-los com as crianças ou adolescentes.

Freire (1979, p. 58) nos lembra que “[...] para ocorrer uma mudança de postura é necessário que haja compromisso em querer mudar”. Não se pode permitir que a neutralidade continue permeando diante às situações que são impostas, perpetuando comportamentos manipuláveis pelo sistema educacional que castra qualquer possibilidade de desenvolvimento reflexivo, sendo o homem sujeito de sua educação e não objeto dela. Assim, as escolas devem buscar novos títulos, atuais e que tratem de assuntos de interesse dos jovens e crianças que os faça adentrar em suas dificuldades e que os entenda.

A escola em que vivemos não está acostumada a adentrar na cultura literária, a escola se acostuma com obras consagradas e aqui ressalta-se que estas também são importantes, no entanto é como se tivessem parado no tempo. Algumas escolas recebem títulos do Ministério da Educação e não permitem que as crianças ou adolescentes leiam os livros pois tem o receio que os livros sejam estragados.

Observando essas reportagens que foram selecionadas, é possível perceber como a revista está alicerçada na prática tradicional, a literatura não precisa ser utilizada para o ensino, o mais legal da literatura é que ela não tem finalidade, ela é leveza, é prazer... É diferente de estar estagnado, de querer construir um modelo de criança perfeita, uma história com moral.

O fato de ler já está intimamente ligado ao fato de pensar, mas não é um pensar preso a valores, é um pensar imaginário que faz construir e reconstruir pensamentos que permite inovar no processo de ser criativo.

A revista continua a explorar a literatura como artefato e subsídio para o aprendizado na sala de aula, a revista coloca o seguinte questionamento para nortear o professor em sua prática: “Por que trabalhar leitura literária na escola”? E expõe uma série de respostas: ampliar o vocabulário, desenvolver o hábito da leitura, aprender a ter prazer com a atividade, explorar uma temática específica, pesquisar e reunir informações sobre determinado assunto,

conhecer o patrimônio cultural de um país, estudar questões linguísticas, entender o estilo de determinado autor.

A revista coloca também que a escolha do professor deve estar articulada com o planejamento, assim para a revista “é função do docente estar por dentro do que a garotada gosta de ler, buscar outros títulos além dos canônicos e analisar o material para saber o que propor como atividade” (NOVA ESCOLA, 2015, p.49). O que? Como assim? Por quê?

Será mesmo necessário toda vez propor uma atividade?

A literatura é prazer e nesta perspectiva, o dicionário Aurélio (2002) traz a seguinte definição da palavra prazer [do latim *placere*.] “Causar prazer ou satisfação; agradar, aprazer, comprazer. Sensação ou sentimento agradável, harmonioso, que atende a uma inclinação vital; alegria, contentamento, satisfação, deleite.”.

Assim, a leitura literária desencadeia em nós nossa quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos, tolerantes e sensíveis, porque tratam de assuntos que afetam a dimensão humana. Para Jouve (2002 p. 19):

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente $\frac{3}{4}$ talvez, sobretudo $\frac{3}{4}$ sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.

É fato que a Revista Nova Escola domina os corredores das escolas, e por essa razão a referida revista pode ser observada como formadora de opiniões. Por isso considera-se de suma importância analisar o que a revista traz, de fato, não se pode dizer que o conteúdo é de todo ruim ou de todo bom, o fato é que a revista parece ainda ter uma concepção tradicional, principalmente com relação a literatura.

Em junho/ julho de 2015 a revista Nova Escola aborda o tema da literatura em forma de jornal com a seguinte matéria: *Extra! Formiga dança e cigarra não canta mais*. A trágica morte da cigarra foi noticiada em detalhes na EMEB Suzana Albino França, em Lages, a 225 quilômetros de Florianópolis, inspirados por reportagens que leram e discutiram nas aulas do professor Carlos Eduardo Cani, eles aceitaram o desafio e elaboraram um jornal com fábulas que conheciam (NOVA ESCOLA, 2015).

Na aula seguinte, o professor apresentou a fábula *A cigarra e a Formiga* e duas adaptações do texto feitas por Monteiro Lobato, a intenção de Carlos era ampliar o repertório dos alunos e ao mesmo tempo, levá-los a pensar sobre a reescrita da história. O professor

trouxe vários jornais para as crianças analisarem e depois escrever novos textos sobre as matérias.

Poesia, Parlenda, jornal e vários outros gêneros literários foram abordados, de maneira geral, isso produz um enriquecimento em sala de aula, no entanto volto a insistir no fato de que como escola precisamos manter a literatura afastada da ideia de avaliação, literatura é conhecimento e é prazer...será que sem o incentivo do professor as próprias crianças não construiriam sozinhas um jornal?

O uso de vários gêneros literários com pretexto para escolarizar é quase que pauta para a RNE. Na edição de agosto de 2015 a revista aborda o tema da leitura sem mistério, utilizando-se dos contos de Sherlock Holmes para abordar estratégias de compreensão de texto em inglês. O caso levado para leitura é o conto *The Speckled Band* do escritor britânico Sir Artur Conan Doyle, onde o famoso detetive é capaz de chegar a conclusões sem sequer analisar a cena do crime. As estratégias de Holmes relacionam-se às técnicas de fluência leitora propostas pelas professoras Verônica Bochio, Andreia Alves Silva e Caroline Milan. A garotada leu a coletânea Sherlock Holmes uma versão adequada aos níveis de proficiência da classe.

Conforme a revista, inicialmente a professora direcionou a atenção de todos para o conto que abre esta reportagem e fez algumas perguntas: “Quem é Sherlock Holmes”? “Quando, onde e por que suas histórias foram escritas?” Acumular conhecimentos sobre Holmes não é difícil. Suas famosas aventuras foram adaptadas para filmes, seriados e até histórias em quadrinhos. Será que transformar isso em conteúdo escolar agrega conhecimento para os alunos? Não seria mais interessante que os próprios alunos construíssem seus mistérios?

O segmento das revistas pedagógicas comerciais no Brasil é dominado pela Revista Nova Escola, iniciativa da Fundação Victor Civita, patrocinada pela Editora Abril. Esta hegemonia é comprovada pelos 1.233.000 leitores da Revista e a tiragem de 697.600 exemplares. A revista Nova Escola foi lançada em 1986, e tem repercutido fatos educacionais da última parte do século XX e início do século XXI.

Silva e Feitosa (2008) colocam que influenciar a educação brasileira através de uma atuação que visa a formação continuada dos professores da educação fundamental, é o objetivo assumido pelos criadores da Revista Nova Escola. Parece ser uma nobre finalidade. No entanto, as mesmas autoras nos levam a pensar: em que medida os recursos peculiares do jornalismo aplicados ao setor educacional são capazes de atender a esta demanda de forma

satisfatória? Como o fato da visão empresarial e midiática que governa o empreendimento pode influir na consecução de suas metas?

Permanece como desafio a literatura no contexto escolar, tendo em vista que a junção entre literatura e escola é inegável, no entanto o professor precisa pensar em uma maneira de não escolarizar a literatura, de não torná-la só atividade. Como leitores precisamos sentir prazer ao realizar leituras, trata-se de não ler para resumir e sim ler para pensar, para descontraír.

Para todos os pontos aqui levantados, para todas as perguntas feitas, não se têm respostas, o que percebe-se que eles são fruto da diversidade da literatura e da sua importância no contexto social e escolar, trata-se de um tema sem ponto final, apenas reticências...

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a Revista Nova Escola percebeu-se como a concepção sobre a literatura está diretamente ligada ao contexto escolar, apesar de achar isso fantástico, penso que a literatura escolarizada fragmenta a própria leitura dos textos. Os textos antes de serem somente fragmentos de história são preenchidos por emoções e não por obrigações. Em meio a isto, não se tem que resumir que descobrir palavras e nem mesmo que entender o que está escrito.

Considera-se após análise das revistas, que esse periódico é formador de opiniões por vários motivos: o primeiro deles é que ela faz parte da rotina do professorado, ou seja, está disponível na sala de aula, outro ponto que merece ser destacado, é a receita pronta que a revista vende sobre todos os problemas que acontecem na escola, além disso, a revista por vezes é a única leitura ou formação que o professor recebe da escola.

Há duas coisas que como futuros pedagogos e pesquisadores precisamos dialogar: que formação chega até a escola e como ela chega? Se a escola utilizasse a revista como possibilidade de estudo em grupos ou formação de professores, talvez pudesse fomentar o ensino e o pensar do professor sobre a importância que a própria escola dá a literatura.

Pensa-se que a leitura deve ser realizada por prazer, não por faixa etária e muito menos por tamanho do livro. Temos que sentir o que lemos e não produzir. Trata-se de imaginar, criar e recriar.

Outra questão visível nas matérias da RNE, é a atribuição somente da figura do professor como o personagem que resolve todas as dificuldades no ambiente escolar. Pergunta-se então, como reduzir o problema à uma receita simples pode podar visões, argumentações e a participação tanto da direção, como do próprio professorado, já que a revista trata o professor como se ele fosse o único mediador da sala de aula, deixando de lado a sociedade e a discussão grupal sobre a resolução dos problemas.

A forma como a revista propõe que seja feito um trabalho com a literatura infanto-juvenil, deixa claro que a preocupação não é com a formação do leitor independente, que lê por seu próprio interesse e prazer. A leitura direcionada, têm objetivos específicos para serem atendidos e um roteiro para ser seguido.

No quesito, propor atividades de leitura, a revista poderia receber nota dez, pois suas páginas estão repletas de sugestões, experiências bem-sucedidas em sala de aula. Já no quesito

formação do leitor, como discutiu-se por várias vezes, e aqui reforça-se, a revista deixa a desejar.

Buscar entender se os professores da região de abrangência da UFFS, se utilizam dessas receitas, desses modelos, bem como identificar se os docentes que atuam com a infância compreendem o significado de escolarização da leitura literária, podem ser sugestões de pesquisa para outras acadêmicas que se interessem pelo assunto, e auxiliaria na compreensão do tema, para além do que abordou-se aqui.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BRASIL. **Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.
- BUCHT, Catharina. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, 2002.
- BUENO, Alexei. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo**. 4 ed. Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ed Ática. 2002.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FRANTZ, Maria. Helena. Zancan. **O ensino da literatura nas series iniciais**. 4ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- GODOY, A. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v.35,n3,p.20-29, mai/jun 1995.
- JOUVÊ, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes. 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LITERA. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: **Acesso em:** 12 nov. 2015.

MAANEN, John, Van. **Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface**, In Administrative Science Quarterly, vol. 24, no. 4, p. 520. December 1979.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer**. Rio de Janeiro: Nova Escola: a revista do professor, São Paulo, v. 16, n. 145, p. 21-23. Entrevista concedida a Priscila Ramalho. Set. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3. ed – São Paulo: Cortez, 2001

NOVA ESCOLA. **Ainda não encaixou**. Rio de Janeiro: abril, ano XXV, n. 230, p. 76-78. mar.2010.

_____. **Falar bem se aprende na escola**. Rio de Janeiro: março, ano XXV, n. 230. Mar. 2010.

_____. **Quanta coisa eles aprendem**. Rio de Janeiro: abril, ano XXV, n.231, abr. 2010.

_____. **O professor do futuro é você**. Rio de Janeiro: outubro, ano XXV, n 236, out, 2010.

_____. **Lendas urbanas conquistam a classe**. Rio de Janeiro: dezembro, ano XXVI, n 248, dez, 2011.

_____. **Livros tão, tão distantes das mãos dos alunos**. Rio de Janeiro: maio, ano XXVII, n. 252, mai, 2012.

_____. **É livro ou brinquedo**. Rio de Janeiro: jun/jul, ano XXVII, n. 253, jun/jul, 2012.

_____. **Sua excelência, o personagem**. Rio de janeiro: novembro, ano XXVII, n.257, nov, 2012.

_____. **Clarice pergunta, as crianças respondem**. Rio de Janeiro: novembro, ano XXVIII, n. 267, nov, 2013.

_____. **Quando o objetivo é ler e aprender poesia**. Rio de janeiro:maio, ano XXVIII, n. 262, mai, 2013.

_____. **Para apreciar os versos de Quintana.** Rio de Janeiro: abril, ano XIX, n. 176, abril. 2014.

_____. **Devo organizar os livros da biblioteca de sala por idade.** Rio de Janeiro: novembro, ano XIX, n. 177, nov. 2014.

_____. **Estudantes contadores e escritores de causos.** Rio de Janeiro: maio, ano XIX, n. 178, maio. 2014.

_____. **A pluralidade da poesia em sala de aula.** Rio de Janeiro: dezembro, ano XIX, n. 208, dez. 2014.

_____. **Prepare-se!** Um novo aluno está chegando. Rio de Janeiro: abril, ano XX, n. 225, p. 56-62. abr. 2015.

_____. **Leitura sem mistério.** Rio de Janeiro: maio, ano XX, n. 252, p. 98 – 100. mai. 2015.

RICARDO FILHO, G. S. **A boa escola no discurso da mídia:** um exame das representações sobre educação na revista *Veja* (1995-2001). São Paulo: UNESP, 2005.

ROCHA, B. T. **Cartas em Revista:** Estratégias Editoriais de Difusão e Legitimação da Nova Escola. Mestrado Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. 2004.

SANTOS, Agada Hilda Steffen dos. **O desafio de ser um professor-leitor.** A notícia, Florianópolis, p. 4, 05 fev. 2005.

SEGATTO, Tauana Helena. **Ensino Fundamental de nove anos:** Abordagens em uma década de Revista Nova Escola. Trabalho de Conclusão de curso- Universidade Federal da Fronteira da Sul- UFFS, Erechim, 2014.

SILVA, D. A. B. M. **A mídia a serviço da educação:** a revista Nova Escola. (Dissertação de Mestrado) Marília: UNIMAR, 2009. Disponível em: <<http://www.unimar.com.br/pos/trabalhos/arquivos/06B91DBAB57EB983A36331A142E67B98.pdf>> Acesso em: 14 nov 2014.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Ensino-aprendizagem e leitura:** desafios ao trabalho docente. In SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, p. 26-35. 2004.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino de literatura.** São Paulo: Contexto. 1991.

ZILBERMAN, Regina; Rösing, TANIA M. K. (Org.) **Escola e Leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2005.

